

## O SERTANEJO DAS PROVÍNCIAS DO NORTE DO IMPÉRIO NA LITERATURA E NAS CRÔNICAS DE VIAGEM DO SÉCULO XIX

SURA SOUZA CARMO\*

A caminhar com o sol ardendo na frente, um rosto magro e moreno que denuncia a bravura e a força de um corpo franzino, com o bernal de couro pendurado no ombro e os pés escaldados no ardente solo pedregoso, é desenhado o principal personagem típico do nordeste brasileiro: o sertanejo. Este artigo busca apresentar os diversos escritos publicados no século XIX, relatos de viajantes e literatura, que buscaram descrever as características do homem sertanejo do Nordeste do Brasil. Para a construção desta pesquisa, foram analisados os textos de Henry Koster (1816), Spix e Martius (1823), Robert Avé-Lallemant (1859), José de Alencar (1875), Franklin Távora (1876), Afonso Arinos (1898), Manoel Benício (1899) e Euclides da Cunha (1902).

A formação do povo brasileiro, desde o século XVI, teve como característica primordial o intersecção de portugueses, índios e africanos. Esses brasileiros, ao longo da colonização fixaram-se no litoral e, posteriormente, penetraram nos chamados sertões. Entende-se por sertão, as porções de terra que ficavam longe do litoral, muitas vezes considerado local inóspito, com solo impróprio para a produção de cana-de-açúcar e pouco habitado. Os portugueses inicialmente se fixaram no litoral mas, ainda no século XVI, realizaram expedições que adentravam o território, inicialmente através dos rios, sobretudo, o São Francisco, para procurar metais preciosos e aprisionar índios (PUNTONI, GUERRA, 1979, p.39). Após a expulsão dos holandeses e o receio de que índios a eles vinculados e que fugiram para o sertão os ajudassem a retomar Pernambuco, a migração foi incentivada pela Coroa Portuguesa através de missionários e da doação de sesmarias, principalmente para a criação de gado “no curso do São Francisco e dos seus afluentes” (DANTAS, 2010; POMPA, 2003).

Vale ressaltar que, nos relatos de viajantes, é possível ver uma amplitude do termo sertão, referindo-se desde as regiões interioranas do sudeste e centro-oeste, das províncias do Norte do Império, até o interior da região nordestina, conhecida por uma maior aridez do solo.

---

\* Professora efetiva Departamento de Museologia UFS. Mestre em História UFS.

O modo de vida dos indivíduos que moravam nas regiões distantes dos centros urbanos chamava a atenção de viajantes estrangeiros e missionários, que passavam ou se fixavam no sertão nordestino. O homem sertanejo estava afastado das influências da metrópole que atingiam o litoral, tinham uma menor miscigenação com africanos, além de alguns costumes intrigantes para os viajantes, como a importância dada a honra e o catolicismo popular que leva ao messianismo.

### **O sertanejo nordestino nos relatos de viajantes no século XIX**

Ao longo do século XIX, principalmente após a chegada da família real ao Brasil, aumenta o número de viajantes estrangeiros pelo país. Outra influência seria a predominância das teorias raciais na Europa e a necessidade de descrição do homem que vivia nos trópicos, considerado, no século XVIII, como o “bom selvagem”, mas ao longo do século XIX, como uma raça inferior e não civilizada (SCHWARCZ, 1993, p.60-86). Os relatos dos viajantes a respeito dos sertanejos são ricos em detalhes sobre seu modo de vida e características emocionais, deixando transparecer, algumas vezes, uma análise fixada no caráter de exotividade do homem e do meio, pouca civilidade e isolamento.

Dentre os viajantes estrangeiros que percorreram o Nordeste do país foram escolhidos os relatos do inglês Henry Koster *Viagens ao Nordeste do Brasil*, publicado em 1816, dos alemães Spix e Martius *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*, publicado em 1823, e do também alemão Avé-Lallement *Viagem pelo Norte do Brasil*, publicado em 1859, em seus países de origem. Foram escolhidos por abrangerem períodos diferentes do século XIX, percorrerem regiões semelhantes, em especial o sertão da região do Rio São Francisco e por caracterizarem o homem sertanejo.

O primeiro relato de viajante analisado é o de Henry Koster no livro *Viagens ao Nordeste do Brasil*, que trata principalmente de Pernambuco, realizando uma densa descrição da estrutura socioeconômica do Nordeste no início do século XIX, das relações interétnicas, escravidão, família, religiosidade, dentre outros assuntos. O viajante é quem melhor descreve e compreende o sertanejo, a partir de uma análise minuciosa de diferentes aspectos de suas vidas. Ao contrário dos viajantes que serão tratados posteriormente, Koster não tece comentários que deturpa o sertanejo mas, ao contrário, realiza comparações que enaltecem

alguns aspectos do seu modo de vida, afirmando que diferentemente “do peão das terras vizinhas ao rio da Prata, o sertanejo tem sempre com ele a mulher e os filhos, vivendo em comparativo conforto” apontando, ainda, que as residências, apesar de pequenas e feitas com barro, são “bastante” adequadas para o clima (KOSTER, 1942, p.212).

Ao descrever o ambiente doméstico do sertanejo, Koster relaciona alguns utensílios domésticos como as redes que “usualmente tomam o lugar dos leitos, sendo mais confortáveis e mais frequentemente utilizadas como cadeiras” e do pouco uso das mesas para as refeições, pois “o uso comum é a família acocorar-se derredor de uma esteira, com as tigelas, os cabaços e as travessas no centro, e aí comer sua refeição, sobre o solo” (KOSTER, 1942, p.203-205). A higiene à mesa também é relatada pelo viajante, com o uso, em todas as casas, “das altas às baixas ordens sociais”, de levar a mesa “bacia de prata ou de barro e mesmo numa cuia, com toalha de cambraia franjada ou pedaço de tecido algodão feito no país, para lavar as mãos depois que os convivas se assentam para comer” (KOSTER, 1942, p.206). Um costume notadamente de higiene, comparado aos costumes europeus e que o autor não deixa de referenciar.

Embora os romancistas do século XX, como Graciliano Ramos em *Vidas Secas*, Raquel de Queiroz em *O Quinze*, e outros autores, mencionem o conversar pouco como característica do sertanejo, Koster não faz nenhuma afirmativa a esse respeito, mas aponta os assuntos de maior interesse dos sertanejos como “seu gado ou sua mulher”, às vezes “episódios sucedidos no Recife ou noutra cidade” e ações de “mérito e o demérito dos padres” sendo as de demérito ridicularizadas (KOSTER, 1942, p.206). Dessa maneira, o sertanejo não é visto por Koster como calado e sisudo, mas que gosta de conservar sobre o seu cotidiano. A esposa é um dos assuntos do sertanejo, mas semelhante ao litoral, as mesmas vivem voltadas para os afazeres domésticos e comportar-se de maneira recatada, afirmando o autor que a “raramente aparece, e se é vista não toma parte na conversação”, e quando se apresenta “acocora-se na soleira da porta que leva ao interior da casa, e aí fica, limitando-se a escutar”. Portanto, um comportamento de subserviência, sendo o sertanejo, segundo o viajante, um homem muito ciumento e vingativo (KOSTER, 1942, p.206-208).

Embora, também, alguns autores que serão tratados adiante, atribuam, ao sertanejo, inclinação ao crime, devido à penúria em que vive, diferente de alguns relatos do final do

XIX, o viajante inglês afirma que o “roubo é pouco conhecido” e que nas más colheitas todos sofrem, sendo a subsistência obtida “por outros meios que o furto, numa terra abundante e onde todos são geralmente resolutos e bravos” (KOSTER, 1942, p.208). Koster não versa sobre o jagunço, personagem do sertão tão criminalizado no final do século XIX, principalmente durante a Campanha de Canudos, entretanto trata do vaqueiro e de seu ofício. Ao caracterizar o sertanejo, Koster evidencia o aspecto religioso, o que vem a ser observado, décadas mais tarde, também pelos correspondentes da guerra de Canudos, e da habilidade para realizar negócios:

*[...]creio que o sertanejo é uma boa raça de homens. São tratáveis e sensíveis à instrução, excetuando em matéria religiosa; nesse particular são fundamente convencidos. [...] São extremamente ignorantes e poucos possuem os mais modestos rudimentos de instrução. A religião está limitada à observância de certas fórmulas e frequente repetição de certas cerimônias e algumas orações, crença nas encantações, relíquias e outras cousas da mesma ordem. Os sertanejos são corajosos, sinceros, generosos e hospitaleiros. Quando se lhes pede um favor, não o sabem negar. Entrando em negócios de gado, ou qualquer outro, o caráter muda. Procurarão enganar-vos, olhando o sucesso como prova de habilidade, digna de elogio [...] (KOSTER, 1942, p.208).*

Koster não discorre sobre a composição étnica dos sertanejos, mas menciona a variedade de seus tons da pele. O viajante deixa transparecer seu gosto pelo tom de pele claro, mas evidencia a beleza do sertanejo:

*O sertanejo, abstraindo a cor, é certamente um bonito homem, e as mulheres, quando novas, têm formas agradáveis e muito lindas feições. Vi pessoas brancas que seriam admiradas em muitos lugares. A constante exposição ao sol, que é de grande intensidade, mesmo distante do mar, escurece-lhes os rostos muito mais que aos moradores do litoral, mas esta cor morena, com aparência durável e firme, é muito preferível às feições pálidas e doentias, embora de tez clara (KOSTER, 1942, p.208).*

Outros aspectos relacionados ao sertanejo ainda são tratados no texto de Koster como a grande dimensão das terras das fazendas, a alimentação dos sertanejos, com produtos produzidos no local e alguns oriundos do litoral e Europa, o comércio de itens importados e o preço, na época, de determinados animais (KOSTER, 1942, P.212-214). Dessa maneira, pode-se observar que o relato de Koster é detalhista em descrever a vida do sertanejo em seus diversos aspectos.

No segundo relato de viajante analisado, o livro *Viagem pelo Brasil* de Spix e Martius é possível perceber, relativo aos sertanejos, a pouca tinta gasta para descrevê-los visto, talvez, a vida simples da população do sertão nordestino. Apesar de considerar os sertanejos

hospitaleiros, comparativamente a outras regiões visitadas, os viajantes não deixam de mencionar o quão pouco cultos eram, se comparados aos habitantes de Vila Rica e São João d'El Rei, e o modesto modos de vestir, caracterizado pela pouca roupa de algodão em casa e a roupa de couro para proteger dos espinhos no mato (SPIX & MARTIUS, 1976, p.66). Os viajantes também mencionaram as características do sertanejo por eles consideradas boas e mas, além da sua composição étnica que demonstra, como apontam muitos estudiosos, a pouca presença de escravos no sertão e ao mesmo tempo a acentuada mestiçagem:

*O sertanejo é criatura da natureza, sem instrução, sem exigências, de costumes simples e rudes. Envergonhado de si próprio e de todos que o cercam, falta-lhe o sentimento da delicadeza moral, o que já se demonstra pela negligência no modo de vestir; porém, é bem intencionado, prestativo, nada egoísta e de gênio pacífico. A solidão e a falta de amor espiritual, arrastam-no para o jogo de cartas e dados e para o amor sensual, no qual, incitado pelo seu temperamento insaciável e pelo calor do clima, goza com requinte. O ciúme é quase a única paixão que o leva ao crime. Ademais, só a mínima parte dos sertanejos é de origem puramente europeia; a maioria consta de mulatos, na quarta ou quinta geração; outros são mestiços de índios com negros ou de europeus com índios. Escravos negros são raros, devido a miséria geral dos colonos; os trabalhos na lavoura e da criação de gado são feitos pelos próprios membros da família (SPIX & MARTIUS, 1976, p. 66).*

O terceiro relato de viajante analisado, na busca da descrição do homem sertanejo foi escrito pelo alemão Robert Avé-Lallemant, no século XIX, que percorreu diversas regiões no Brasil, inclusive algumas províncias do Norte do Império. Ao longo do texto é possível perceber que, mesmo não sendo um naturalista, houve uma vontade latente em descrever aspectos da geografia, fauna e flora do país, destinada aos seus compatriotas que estavam sendo “persuadidos” a migrarem para o Brasil. O viajante, sobre o que viu no trato dos imigrantes alemães, diz que “é muito melhor o tráfico de escravos, do que o embuste contra pobres imigrantes alemães”, chegando a sugerir que os brasileiros voltassem às regiões da costa da África em busca de cativos (AVÉ-LALLEMANT, 1961. p.9).

Polêmicas à parte, Avé-Lallemant demonstra uma profunda curiosidade em conhecer o interior das províncias do Norte do Império, em especial, a Cachoeira de Paulo Afonso, no Rio São Francisco. Não realiza uma discussão pautada nas teorias raciais em voga, todavia, demonstra descontentamento com a dificuldade em transitar na região do São Francisco com a diminuição da seca de anos após as chuvas, criticando o pouco labor do homem do lugar que “pela sua inatividade, deixa tudo à Natureza, deparam-se dificuldades de que não pode o europeu fazer idéia” (AVÉ-LALLEMANT, 1961, p.310), referindo assim sobre a ausência de

obras que minimizassem os efeitos da cheia. O viajante, de modo contundente, deixa transparecer sua repulsa ao descrever os moradores da vila de Pão-de-Açúcar, na margem alagoana do rio São Francisco:

*Moram como porcos, como porcos vivem e são indolentes como porcos. E essa preguiça faz-se tanto mais por sentir negar-lhes a Natureza tudo o que é preciso para o conforto da vida. Alhures a necessidade torna o homem inventivo; no São Francisco faz o povo preguiçoso, estúpido e sóbrio até a fome. Preferem morrer na necessidade e sob vexatória carência, a suportar a terrível e vergonhosa catástrofe: o trabalho (AVÉ-LALLEMANT, 1961, p.311).*

Entretanto, Avé-Lallemant descreve alguns costumes dos sertanejos, mas de maneira menos detalhista que Koster, como a fabricação de queijo e carne-seca mole, o hábito do sertanejo dormir em redes por causa da cobra cascavel e o de se alimentar de um tipo de cactos quando a seca atinge o seu ápice e acaba o alimento (AVÉ-LALLEMANT, 1961, p.314-317). De maneira semelhante a outros viajantes que descreveram o sertanejo, Avé-Lallemant descreve a composição étnica dos homens que vivem no sertão da região do Rio São Francisco e relata também a vida simples, desprovida de qualquer conforto, que faz do sertanejo um homem rude, mas hospitaleiro com os viajantes:

*Numa natureza como essa, tendo à sua disposição recursos próprios que não procura absolutamente melhorar, ou aumentar, leva o vaqueiro do sertão uma vida precária, solitária, miserável, cuja rude forma exterior negligencia também a vida íntima ou espiritual. Além do seu gado, das suas moléstias e acidentes, nada emociona essa raça de homens na sua maioria fuscas, de sangue africano e índio, sobretudo deste último. Para eles não existe um mundo exterior, uma história, nenhum fato, quando não chega diretamente a ele. E um viajante é sempre um acontecimento, sobretudo um europeu. Oferecem-lhe hospitaleiramente o rancho e lhe dariam algo que comer, se eles próprios o tivessem. Enquanto têm leite e queijo, estão abundantemente providos como os vaqueiros dos Alpes (AVÉ-LALLEMANT, 1961, p.317-318).*

Portanto, a partir dos relatos dos viajantes analisados é possível ter uma visão bastante realista do sertanejo. O sertanejo é um homem forte, hospitaleiro, que se adapta ao meio em que vive, entretanto pouco instruído, muito religioso e vingativo. Entretanto, o olhar de Avé-Lallemant, em alguns aspectos, parece mais influenciado pelas teorias raciais da época e por querer comunicar aos seus compatriotas alguns hábitos considerados impróprios dos brasileiros.

## **O sertanejo nordestino na literatura brasileira do século XIX**

As práticas dos sertanejos não despertavam apenas a curiosidade dos viajantes estrangeiros, mas, na segunda metade do século XIX, dos grandes centros do Império, nasce um discurso regionalista à medida “que se dava a construção da nação e que a centralização política do Império ia conseguindo se impor sobre a dispersão anterior”, sendo caracterizado “pelo seu apego a questões provincianas ou locais, já trazendo a semente do separatismo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009, p.60). Para exemplificar este pensamento foram escolhidas as obras *O sertanejo* de José de Alencar e *O cabeleira* de Franklin Távora.

O romance *O Sertanejo*, escrito em 1875 por José de Alencar, tem como cenário a cidade de Quixeramobim no Ceará em 1764. A obra trata da bravura do jovem Arnaldo (o sertanejo) e seu amor pela filha do capitão (Flor), dono da fazenda em que trabalhava. No início do romance é possível perceber uma descrição detalhada do sertão e, ao longo do texto, as relações entre os donos das terras, os sertanejos e índios que habitam a região. A descrição do sertão por Alencar é repleta de elevação e romantismo, “esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal [...] Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa natureza possante?”, inclusive mencionando as longas distâncias percorridas “o viajante tinha de atravessar grandes distâncias sem encontrar habitação, que lhe servisse de pousada; por isso, a não ser algum afoito sertanejo à escoteira, era obrigado a munir-se de todas as provisões necessárias à comodidade como à segurança” (ALENCAR, 1995, p. 13).

De maneira contrária aos relatos dos viajantes, Alencar descreve a Casa dos Campelo, família detentora de terras, como um palácio, uma construção difícil de existir naquele local, mesmo para uma família sertaneja de posses no sertão no século XVIII:

*As casas da opulenta morada eram todas construídas com solidez e dispostas por maneira que se prestariam sendo preciso, não somente à defesa contra um assalto, como à resistência em caso de sítio. Ocupava a maior área do terreiro um edifício de vastas proporções que prolongava duas asas para o fundo, flanqueando um pátio interior, bastante espaçoso para conter horto e pomar. À extremidade de cada uma dessas casas prendiam-se outros edifícios menores, alguns já trepados sobre os píncaros alpestres, porém ligados entre si por maciços de rochedos que formavam uma muralha formidável (ALENCAR, 1995, p. 28-29).*

O Romantismo exacerbado de José de Alencar cria uma ideia do sertanejo ideal e não do real, contudo as características como a força, religiosidade, o respeito pelos mais velhos e pelo patrão condiz com os relatos de viajantes. Para Alencar “o sertanejo erguera a fonte com

um assomo de indômita altivez. Nesse momento iluminava-lhe a nobre fisionomia, um reflexo dessa majestade selvagem que avassala o deserto”. (ALENCAR, 1995, p. 51). Entretanto, o autor de *O Guarani* e *Iracema* se equivoca ao enfatizar como característica principal do sertanejo, a partir de Arnaldo, personagem principal, a predominância da herança indígena, em uma clara influência do idealismo e misticismo do romance indianista:

*Amigo Aleixo, nasci e criei-me nestes geraís: as árvores das serras e das várzeas são minhas irmãs de leite: o que eu não vejo, elas me contam. Sei tudo quanto se passa embaixo deste céu, até onde chega o casco de meu campeão [...] Eu não sou vaqueiro; sou um filho dos matos; que não sabe entrar numa casa e viver nela. Minhas companheiras são as estrelas do céu que me visitam à noite na malhada; e a juriti que fez seu ninho na mesma árvore em que durmo (ALENCAR, 1995, p. 52;139).*

Em uma escrita menos apaixonada, o romance *O cabeleira* de Franklin Távora, de 1876, narra a história de um temido criminoso de alcunha Cabeleira, que aterrorizou Pernambuco, no século XVIII. O romance foi escrito para evidenciar uma literatura regionalista e a importância da região Nordeste para aglutinar elementos nacionais ao Brasil. Nas palavras de Távora o romance vem “mostrar aos que não conhecem, ou por falso juízo as desprezam, a rica mina das tradições e crônicas das nossas províncias setentrionais” (TÁVORA, 2014, p.18).

O romance *O Cabeleira*, obra inaugural de Távora, busca apresentar características nortistas, sendo dessa forma um balizador para autores que trataram das desventuras do sertão nordestino. Além de um enfrentamento aos já reconhecidos romances regionalistas de José de Alencar, Távora, usando o pseudônimo de Semprônio, a partir de uma série de cartas para o escritor português José Feliciano de Castilho, também reivindica, ao colega do Norte, um “maior rigor científico nas fontes arqueológicas, linguísticas e etnográficas dos romances analisados”(RIBEIRO, 2014, p.8). Portanto, podemos encarar *O Cabeleira* com uma resposta de Távora aos romances regionalistas de Alencar.

Mais que a narração de uma história real, *O Cabeleira* é uma história de luta e de sobrevivência em meio a tantos problemas enfrentados pela população pobre e mestiça, representada pelo Cabeleira e tantos outros personagens. Távora faz elogios ao tipo mulato sem tecer qualquer comentário vinculado às teorias raciais em voga. O sertanejo, no romance, possui um papel secundário, sendo o Cabeleira personagem principal que transita entre a zona da mata e a caatinga, contudo é, talvez, a pobreza a questão central do romance, pobreza essa



que faz com que excluídos busquem na criminalidade uma forma de sobrevivência. No texto há uma crítica forte ao sofrimento do sertanejo e dos pobres de uma maneira geral, pois no decorrer do livro há exemplos da miséria de muitas pessoas, como a do velho sertanejo que Cabeleira decide não roubar por ser mais miserável que ele. Dessa maneira Távora termina o romance afirmando que “a pobreza nunca foi nem será jamais um elemento de elevação; ela foi e será sempre um elemento de degradação social” (TÁVORA, 2014, p.199).

Contudo, é a partir do surgimento de Antônio Conselheiro como principal missionário do sertão e do arraial de Canudos, no meado do século XIX, que a imprensa brasileira e romancistas passam a escrever intensamente sobre o ainda pouco conhecido sertão nordestino. Os principais jornais de São Paulo e Rio de Janeiro enviam para o sertão correspondentes de guerra que relataram além da luta sangrenta os costumes dos sertanejos. Foram produzidos, além de textos para publicação nos jornais, alguns livros que narravam, de maneira ficcional ou realista, as agruras dos homens do sertão. Apesar das obras tratarem do sertão no século XVIII, na análise buscou-se refletir sobre o pensamento dos intelectuais no oitocentos a respeito dos sertanejos. Relativo à Campanha de Canudos, episódio marcante na história do Brasil no século XIX, os livros escolhidos sobre a Campanha de Canudos foram os *Os jagunços* (1898) de Afonso Arinos de Mello Franco, *O Rei dos Jagunços* (1899) de Manoel Benício e *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha, mistos de ficção e realidade.

Em *Os Jagunços*, escrito por Afonso Arinos com o pseudônimo de Olívio Barros em 1898, há a valorização do sertanejo como a expressão do nacional, contudo, ao contrário de Euclides da Cunha, não desenvolve um texto denso sobre as suas características raciais. Mas semelhante à Euclides da Cunha, Arinos trata da religiosidade no sertão e da força do catolicismo popular, descrevendo, entretanto o jagunço como um degenerado, único “capaz de dominar a fera que é o sertão” e não o distinguindo dos demais sertanejos (ARINOS, 1969, p.204).

Afonso Arinos apresenta, ao longo do texto, diversas características do sertanejo. Desde a conhecida fama de ser “meditativo e falar consigo mesmo” até a mestiçagem das três raças feitas por índios, ex-escravos e famílias tradicionais (ARINOS, 1969, p.241-257). O autor busca também descrever o sertanejo fisicamente, observando aspectos semelhantes aos viajantes estrangeiros décadas antes:

*O chapéu desabado na nuca e levantado na frente, dava-lhe ao semblante um tom frisante de audácia e bravura. De altura pouco mais que mediana, peito protraído, olhos encovados e negros, num rosto oval e moreno, a barba rala nas faces formava no queixo um capucho basto, que, sob um bigode cheio, lhe dava ao todo um quê de mosqueteiro das guardas reais de outrora (ARINOS, 1969,p.124).*

Infelizmente o livro de Arinos é pouco conhecido sendo que, na época, foram impressos apenas 100 exemplares. Um pouco mais difundido, talvez, seja o livro *O Rei dos Jagunços* de Manoel Benício, publicado um ano depois, em 1899. Em um texto mais romanceado que o de Arinos, Benício, a partir de personagens reais e fictícios, caracteriza o sertanejo e descreve a ascensão de Antônio Conselheiro, considerado pelo autor “o rei dos jagunços” devido às histórias sangrentas que envolvem sua família, no sertão do Ceará, que o forçam a migrar para a região onde foi erigido o arraial de Canudos.

Na caracterização do sertanejo, Benício aponta a formação étnica mestiça relacionando-a com aspectos morais, sendo os sertanejos formados pelo “preto crioulo, o africano quarentão, o curiboca bronzeado, o mameluco, o mulato, o branco, enfim toda a casta de cabra descendente de raças puras e raças cruzadas e mestiças, confundia-se ali sem hierarquia moral” (BENÍCIO, 1997, p.66). Descreve também o fanatismo religioso do sertanejo, aspectos vinculados a sisudez e receio nas mudanças políticas da monarquia para a recente república, descrevendo-os como “ignorante” e enraizados “nos velhos hábitos da administração de então, desconfiado como são todos os sertanejos, de índole conservadora por nascença, achava que toda a reforma na administração e toda inovação na economia publica eram um meio de roubar ao povo” (BENÍCIO, 1997, p.94). Apesar de apontar características pouco apreciadas no sertanejo, Benício o apresenta como um homem íntegro e apegado as suas convicções.

O mais conhecido relato da campanha de Canudos e conseqüentemente sobre os sertanejos, o início do século XX, é o texto denso de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Ao contrário dos textos analisados anteriormente, ao invés de um texto romanceado, o autor opta pelo cientificismo, portanto, a obra é considerada literatura científica. Dividido em *A Terra*, *O Homem* e *A Luta*, o livro segue as bases das teorias raciais em voga, em especial o determinismo geográfico, contudo desviando das teorias ao apontar o sertanejo como um homem de diversas habilidades e com seu atraso relacionado ao abandono das autoridades em um lugar inóspito e por questões genéticas. Em comparação, critica o povo do litoral que, para

o autor, vive “parasitariamente à beira do Atlântico dos princípios civilizadores elaborados na Europa” (CUNHA, 2016, p.19).

Sobre a descrição da formação étnica do sertanejo, ao contrário de Arinos, Euclides da Cunha apresenta uma maior discussão a respeito de sua formação, afirmando que “teoricamente ele seria o pardo, para que convergem os cruzamentos sucessivos do mulato, do curiboca e do cafuz” (CUNHA, 2016, p.103). Cunha, ao longo de páginas, descreve a formação do povo brasileiro, ao longo de séculos, fruto de portugueses mestiços que intensificaram a mestiçagem com os silvícolas e com os africanos. A descrição do vaqueiro, realizada pelo autor, demonstra o misto das raças, formando um homem forte, que suporta as adversidades do meio em que vive:

*Veio conseqüente o cruzamento inevitável. E despontou logo uma raça de curibocas puros quase sem mesclas de sangue africano, facilmente denunciada, hoje, pelo tipo normal daqueles sertanejos. Nasciam de uma amplexo feroz de vitoriosos e vencidos. Criaram-se em uma sociedade revolta e aventureira sobre a terra farta; e tiveram; ampliando os seus atributos ancestrais, uma rude escola de força e coragem [...].*

*E ali estão as suas vestes características, os seus hábitos antigos, o seu estranho afeto as tradições mais remotas, o seu sentimento religioso levado até o fanatismo, e o seu exagerado ponto de honra, e o seu folclore belíssimo de rimas em três séculos [...].*

*Raça forte e antiga, de caracteres definidos e imutáveis mesmo nas maiores crises, oriunda de elementos convergentes de todos os pontos, porém diversa das demais deste país, ela é inegavelmente um expressivo exemplo de quanto importam as reações do meio” (CUNHA, 2016, p.134).*

Em muitos momentos do texto de Cunha é possível perceber a dificuldade em caracterizar o sertanejo, pois, ao mesmo tempo em que caracteriza o mestiço como “um intruso” que “surge, de repente, sem caracteres próprios, oscilando entre influxos opostos de legados discordes” (CUNHA, 2016, p.142), o autor caracteriza o sertanejo, mestiço em sua natureza como “[...] antes de tudo, um forte. Não temo raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral” (CUNHA, 2016, p.146). Entretanto, vale ressaltar que o autor opta claramente por enaltecer as características do sertanejo, um mulato que possui boa índole, ou seja, que herdou as boas características da mestiçagem:

*O sertanejo tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrije o seu organismo potente, reflete, na índole e nos costumes, das outras raças formadoras apenas aqueles atributos mais ajustáveis à sua fase social incipiente. É um retrógrado. Não é degenerado (CUNHA, 2016, p.144).*

Euclides da Cunha, em seus escritos de caráter científico sobre as características do sertanejo se deixou contagiar pelo o que vivenciou em campo na Campanha de Canudos. O texto em que fala do homem que vive no sertão é na verdade um duelo entre as pessimistas teorias raciais e a vontade de ressaltar a força de um povo que sobrevive, com dignidade, em um lugar tão inóspito e abrasivo. *Os Sertões* se torna, deste modo, uma refutação das teorias raciais a partir do enaltecimento dos sertanejos que, vistos como criminosos e incultos por alguns, pelas lentes de Euclides da Cunha se tornam heróis.

Vale ressaltar que, além dos livros publicados, Manoel Benício e Euclides da Cunha realizaram muitas anotações em campo visto que eram correspondentes de jornais da época, do *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, e *O Estado de São Paulo*, respectivamente, sendo Benício o que ficou mais tempo em campo (AZEVEDO, 2002, p.83). Dessa maneira, Afonso Arinos optou por um texto realista que valorizava o sertanejo como a expressão no nacional. Benício realizou um texto mais romanceado em que inseria as características do homem sertanejo e seus costumes nos personagens, tratando de maneira superficial as questões científicas. Cunha, com o texto mais denso e mais conhecido sobre a temática, escreveu aos moldes científicistas, descrevendo a terra e homem a partir do determinismo geográfico, mas em muitos momentos tentando reverter as teorias raciais a favor dos sertanejos.

### **Considerações finais**

É possível perceber, nos textos analisados, que a terminologia sertanejo abriga diversos personagens que viviam no sertão do século XIX: os vaqueiros (que cuidavam das fazendas), os boiadeiros (que conduziam o gado sertão afora), os jagunços (que prestavam serviço de segurança a latifundiários e missionários), os cangaceiros (que cometiam uma diversidade de crimes em nome da família e dos pobres), garimpeiros e taumaturgos (religiosos leigos como Antonio Conselheiro) que viviam na região. Nesses personagens típicos do sertão, a mulher possui um papel entre o secundário e o ausente.

É perceptível, a partir das obras analisadas, que a busca por conhecer o sertão e os sertanejos é anterior a Guerra de Canudos, contudo, intensifica-se no período da guerra e posteriormente. Para os viajantes, o sertanejo é mais um dos personagens curiosos que

compõem o Brasil, entretanto, para os intelectuais brasileiros da época, é um personagem que representa uma parcela do nosso território, lutas e amarguras.

Dessa maneira, o artigo proposto buscou, a partir da análise dos discursos de diferentes intelectuais que se debruçaram sobre o sertão, perceber as diferenças entre os discursos sobre o sertanejo ao longo do século XIX.

### Referências:

ALBUQUERQUE Júnior, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ALENCAR, José de. *O sertanejo*. São Paulo: Ática, 1995.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo norte do Brasil no ano de 1859*. 1º volume. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1961.

AZEVEDO, Silvia Maria. *Manuel Benício: um correspondente de guerra em Canudos*. REVISTA USP, São Paulo, n.54, p. 82-95, junho/agosto 2002.

BENÍCIO, Manoel. *O rei dos Jagunços*. Brasília: Senado Federal, 1997.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2016.

DANTAS, Mariana Albuquerque. *Dinâmica social e estratégias indígenas: disputas e alianças no aldeamento do Ipanema, em Águas Belas, Pernambuco (1860-1920)*. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2010.

FRANCO, Afonso Arinos de Mello. *Os Jagunços*. In:\_\_\_\_\_. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969, p. 123-383.

GUERRA, Flávio. *História de Pernambuco*. 2ªed. Recife: ALEPE, 1979.

KOSTER, H. *Viagens ao Nordeste do Brasil*. Cia. [tradução e notas de Luiz Camara Cascudo]. Rio de Janeiro, Editora Nacional,1942.

POMPA, Cristina. *Religião como tradução: Missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial*. São Paulo: EDUSC, 2003.



PUNTONI, Pedro. *A Guerra dos Bárbaros: Povos indígenas e colonização do sertão. Nordeste do Brasil 1650-1720*. São Paulo: Hucitec- EDUSP, 2002.

RIBEIRO, Cristina Bertoli. O Cabeleira na inauguração de uma literatura do Norte. IN: *O Cabeleira*. São Paulo: Martin Claret, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Karl Friedrich Philipp von. *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. Tradução Lúcia Furquim Lahmeyer. 3ª edição. São Paulo: Melhoramentos/IHGB/MEC, 1976.

TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.